

NOSSO BAIRRO

Ano II | número 15 | outubro de 2010

EDIÇÃO ESPECIAL: HISTÓRIA DE PERUS



“Cimento Perus”

Fábrica de Cimento Portland Perus

Estrada de Ferro Perus-Pirapora

A luta dos Queixadas

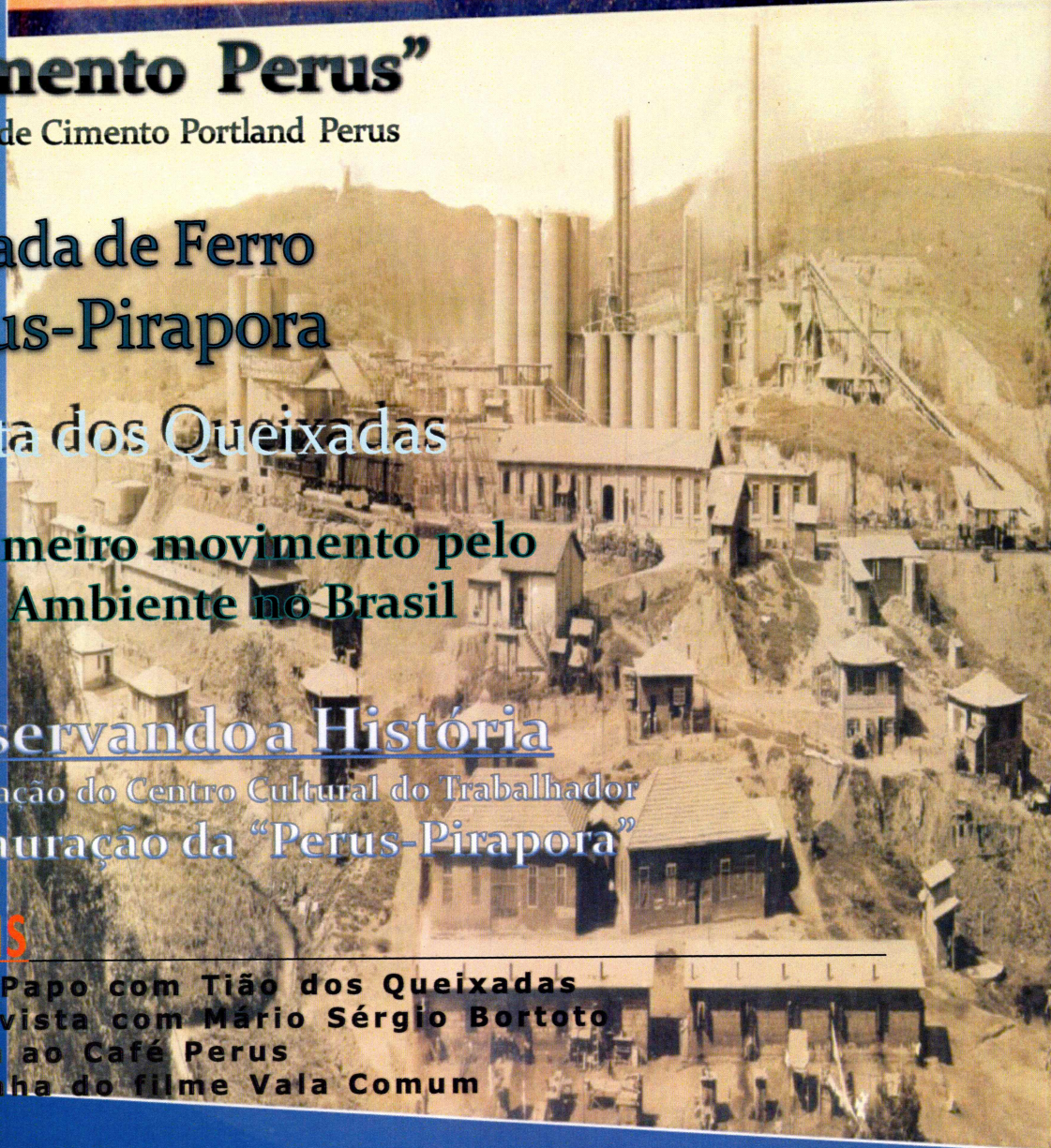
O primeiro movimento pelo Meio Ambiente no Brasil

Preservando a História

A formação do Centro Cultural do Trabalhador
Restauração da “Perus-Pirapora”

E MAIS

- Bate-Papo com Tião dos Queixadas
- Entrevista com Mário Sérgio Bortoto
- Visita ao Café Perus
- Resenha do filme Vala Comum



Olá queridos leitores, nossos vizinhos e amigos. É com muita alegria que apresentamos esta Edição Especial da **Revista Nosso Bairro**, sobre a história de Perus. Nosso bairro está comemorando 76 anos de fundação. Data de 1934 o reconhecimento oficial da Vila de Perus. Mas todos sabemos que tudo começou bem antes com a construção da estação de trem, a inauguração da Fábrica de Cimento, e por aí vai....

Trazemos nessa edição reportagens sobre a formação inicial do nosso bairro, a Fábrica de Cimento e as transformações causadas pela sua instalação, o movimento operário e o surgimento dos "queixadas", a luta pela preservação da nossa história, além da primeira manifestação ecológica de que se tem notícia no Brasil, o movimento contra o pó do cimento. Tudo isso, sendo permeado pelos depoimentos de Sebastião Silva Souza, o Tião, participante das greves dos "queixadas", que também conta um pouco sobre a realidade atual de nosso bairro.

Apresentamos ainda uma entrevista com Mário Sérgio Bortoto, que foi administrador regional de Perus, e nos dá um panorama sobre a história dos movimentos sociais de nosso bairro e como andam as lutas hoje em dia.

Por fim, dêem uma olhada em nossas dicas culturais: uma resenha sobre o filme "Vala Comum", e uma visita ao "Café Perus".

Uma ótima leitura a todos e todas!

Equipe de Redação.

Início do Trabalho em Perus. S.P.R. Fev. 1935



NOSSO BAIRRO

Edição especial:
História de Perus

Diretor Geral: Alexandre Lopes
Editor: Alexandre Lopes
Projeto Gráfico: César Barcala
Redator-chefe: Alexandre Lopes
Redatores: Alexandre Lopes e Mariana Delfim
Colunistas: Mariana Delfim, Alexandre Lopes e César Barcala

Endereço Eletrônico:

estudehistoria@gmail.com

- 02 Editorial
- 04 A Formação do Bairro
- 05 **Capa** - Fábrica de Cimento Portland Perus

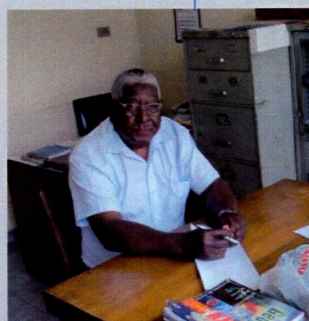


*Os amigos Tião,
sempre firme na
luta dos queixados!
Um abraço,
Alexandre J. Santos.*

- 06 Perus em transformação
- 07 Estrada de Ferro Perus-Pirapora



- 08 Movimento Operário "A Luta dos Queixadas"
Uma conversa especial com Sebastião Silva Souza,
o Tião dos Queixadas



- 10 Preservando a História
A formação do Centro Cultural do Trabalhador
Restauração da "Perus-Pirapora"
- 11 O primeiro movimento pelo Meio Ambiente no Brasil
- 12 Perus Hoje
- 13 Os Movimentos Sociais
Entrevista com Mário Sérgio Bortoto
- 14 e 15 Dicas Culturais:
O filme Vala Comum
Café Perus, um bate-papo com seus donos Vera e Henrique

A FORMAÇÃO DO BAIRRO

Situado aos pés da Serra da Cantareira, fazendo divisa com as cidades de Caieiras e Cajamar, Perus tem todas as características de um bairro dormitório e periférico de São Paulo. Quem quer comprovar, é só dar uma olhada nos trens que saem da estação todos os dias, com seus vagões lotados, e chegam ao final da tarde, com centenas de trabalhadores, nossos vizinhos, apressados para chegar em casa e, enfim, descansar.



Vista parcial do Bairro de Perus

Mas nem sempre foi assim, até o início do século passado, nosso bairro tinha ares de interior, com poucas moradias ao redor da antiga estação da estrada de ferro São Paulo Railway, que eram cercadas por fazendas e chácaras, onde as famílias trabalhavam para sua subsistência.

Data de 1867 a inauguração da estação Perus, que ficava no meio do caminho da rota comercial entre São Paulo e Jundiaí, e servia de “entrepasto”, um ponto de parada no transporte das mercadorias que vinham do interior para a capital.



Estação de Perus em 1898



Estação de Perus em 26 de agosto de 2007

Fotografia tirada no Café Perus

A INSTALAÇÃO DA FÁBRICA DE CIMENTO



Depósito de pedra da Fábrica "Arquivo pessoal Nelson Camargo"

Nessa época Perus prometia ser um bairro industrial. Milhares de pessoas vieram para cá, afim de se encaixar no quadro de funcionários da "Cimento Perus". Além da instalação da fábrica, que passou a fornecer cimento para o Brasil inteiro, no seu entorno foram construídas moradias para os operários, e um espaço de área de lazer, para ser freqüentado por seus familiares aos finais de semana. Nessas casas, os trabalhadores tinham uma condição de vida muitas vezes melhor do que aqueles que já viviam no bairro. Como, por exemplo, poderem desfrutar dos benefícios da luz elétrica e da água encanada, que só chegariam muito depois a quem estava fora da fábrica.

O quadro abaixo mostra a importância que a fábrica adquiriu logo no início de seu funcionamento:



Vagão de carga no interior da Fábrica "Arquivo pessoal Nelson Camargo"



6 de 1935

Trabalhadores da Fábrica em 1935

"A Fábrica de Cimento Portland Perus, pouco tempo depois de sua instalação, impressionava pela sua alta produção. Com um número de operários que ultrapassou a casa do milhar em muitos momentos, foi responsável pela construção de boa parte da cidade de São Paulo quando de sua constituição e, já na década de 1950, boa parte da construção de Brasília teve na "Cimento Perus" sua principal fonte de produção do concreto. Carregamentos fechados tinham seu destino traçado antes mesmo da produção de cimento.

BEZERRA, Maria Helena Bertolini. *Perus: histórico de constituição, organização de sua população e relação com as escolas do bairro.*

PERUS: Um bairro em transformação

A vinda da fábrica de cimento reorganizou totalmente a vida em Perus: foi criada a primeira escola, em 1938, para atender aos filhos dos operários; vilas foram construídas fora das terras da Companhia, por trabalhadores que prestavam serviços para a “Cimento Perus”; além do crescimento das vilas operárias que, situadas dentro do perímetro da fábrica, serviam para os patrões como uma forma de controle muito próximo da vida dos seus subordinados.

Outra grande novidade foi a formação de times de futebol. Com grande número de operários, a “Cimento Perus” tinha tudo para formar times que começaram a se destacar nos campeonatos da região.

A cronologia abaixo dá uma idéia de como a instalação da fábrica interferiu na história de Perus:



Time de Futebol dos funcionários da Fábrica

1867 – Inauguração da estrada de ferro.

1914 – Inauguração da estrada de ferro Perus-Pirapora para transportar cal de Cajamar.

1926 – Instalação da fábrica de cimento. Junto à fábrica nasce uma vila operária.

1951 – Abdalla compra a fábrica, a ferrovia (Perus-Pirapora) e as minas de calcário em Cajamar.

1958 – Definição do quadro político da região em função da greve na fábrica de cimento. Sindicato (trabalhadores da fábrica de cimento) opõe-se a ideia de emancipação do bairro.

1962 – Início de novo movimento grevista atingindo todo o conglomerado Abdalla.

1964 – Intervenção militar do sindicato (trabalhadores da fábrica de cimento).

1967 – Greve legal contra o atraso de pagamento, além da reintegração dos operários demitidos na greve de 1962.

1969 – Desapropriação da fábrica de cimento por dívidas.

1973 – Empregados estabilizados recebem indenização pelo período de greve. Passeata “ecológica” contra o pó de cimento, organizada pela igreja Católica.

1979 – Desapropriação da área do Parque Anhanguera por pressão dos operários.

1981 – A fábrica passa a leilão.

1983 – Desativação dos fornos e da estrada de ferro Perus-Pirapora.

1986 – Última greve (a fábrica contava com 150 funcionários) e fechamento da fábrica.

1987 – Tombamento da Perus-Pirapora pelo CONDEPHAT.

1992 – Tombamento de todo o perímetro da fábrica pelo CONPRESP.

Adaptado de *Ensaio de cronologia da história de Perus*. Centro de Documentação e Memória Sindical – Perus – “Os Queixadas”.

“Num lugar como Perus, bairro ainda em formação, foi muito importante essa fábrica (...) O cidadão morava aqui, não tinha luz na casa, mas se fosse morar na fábrica, tinha luz elétrica, água (...) A gente pensa que era um benefício que eles ofereciam, mas era uma maneira de ter o trabalhador sempre à disposição deles (...) Veio gente de todo lado para trabalhar na fábrica e morar em Perus (...) O bairro foi se desenvolvendo assim, girando em torno dessa fábrica.”

Depoimento de Sebastião Silva Souza, 77 anos, morador de Perus, nascido aqui e participante da greve de 1962.

Estrada de Ferro Perus-Pirapora

A Estrada de Ferro Perus-Pirapora foi inaugurada em 1914 com o objetivo de ligar essas duas regiões, mas seu traçado original nunca foi completado e ela alcançou apenas o município de Cajamar. De qualquer forma, ela cumpriu um importante papel na história do nosso país. Isso porque ela foi utilizada no transporte de cal, pedra calcária, passageiros e cimento, alimentando a primeira fábrica de cimento do Brasil por muitos anos.

A enorme quantidade de cimento que passou por seus trilhos serviu a grandes obras como a construção do Viaduto do Chá, o Edifício Altino Arantes (antigo Banespa), o túnel 9 de Julho e a cidade de Brasília.

A estrada foi aposentada em 1983 e em 87 foi tombada como patrimônio histórico. No entanto, ficou abandonada por quase duas décadas, até que no início dos anos 2000 o grupo IFPPC - Instituto de Ferrovias e Preservação do Patrimônio Cultural passou a deter a posse de 15 km da ferrovia e todo o acervo de material rodante. Nos dias de hoje a EFPP começa a ressurgir para mostrar à todas as gerações que o passado é o alicerce para construção do futuro.

Texto produzido com informações do IFPPC.

Visite o blog do Instituto no endereço <http://peruspirapora.blogspot.com>



Locomotivas e carros de passageiros e cargas sendo resgatados para o restauro



Locomotivas Diema "Thor" e "Maria-fumaça n. 8" restauradas



Restauro dos trilhos



Locomotiva Diema "Thor" abandonada - 2008



Carro de passageiros restaurado



novamente transportando pessoas

O MOVIMENTO OPERÁRIO

A instalação da fábrica em nosso bairro fez surgir aqui um importante movimento sindical, reunindo os operários na luta por melhores condições de trabalho e contra a precariedade e insalubridade das dependências da “Cimento Perus”.

Na década de 1950, a fábrica foi vendida a J. J. Abdalla, proprietário de várias empresas e homem de grande poder e influência junto aos políticos e ao governo estadual. Ele foi “carinhosamente” apelidado de “mau patrão”, por um jornal da época, o que nos ajuda a entender como ficaram as relações entre ele e os operários. “O Grupo Abdalla não promovia manutenção adequada da fábrica como um todo e expunha a mão de obra a um desgaste violento”¹. Essa situação provavelmente contribuiu para uma maior organização dos trabalhadores.



“O Abdalla foi o camarada que chegou aqui em Perus e teve uma influência muito grande, no comércio principalmente, todos os empresários logo ficaram amigos dele (...) Naquele tempo ainda se batalhava por luz elétrica, que não tinha, água (...) e ele tentando favorecer tudo que era possível para conseguir melhoramentos para Perus, mas tinha uma segunda intenção aí, ganhar todo o povo para depois então... Os chamados pelegos achavam que o Abdalla era um santo, um cara que não pagava imposto pra ninguém, atrasava pagamento e tudo isso (...) Ele se fez politicamente tão grande aqui em Perus que, quando conseguiram a luz elétrica, no dia da inauguração da luz, foi ele que subiu no poste e ligou a chave que acendia a luz em Perus. Ele comprou um espaço e construiu um prédio para instalar um banco que ele tinha, dizendo ‘eu vou facilitar a vida de vocês’ (...) tudo isso tinha uma segunda intenção, ele tava tirando proveito disso e tentando angariar a simpatia do povo.”

Depoimento de Sebastião Silva Souza, 77 anos, morador de Perus, nascido aqui e participante da greve de 1962.

O nível de organização dos operários da “Cimento” era tão grande, que já na década de 1950, eles tinham conquistado vários direitos que ainda não faziam parte do cotidiano de outros trabalhadores. Mas foi na década seguinte que o movimento realmente mostrou sua força: em catorze de maio de 1962 eles deflagraram uma das mais longas greves da história do Brasil, que durou sete anos, em pleno regime militar.

Apesar da forte repressão, com investidas policiais e operações “fura-greve”, um grupo de trabalhadores resistiu bravamente, continuando em estado de greve. Eles acabaram ficando conhecidos como os “Queixadas” (porco do mato que age em grupo e bate os queixos quando se sente acuado), em oposição aos chamados “Pelegos”, que eram aqueles que tinham voltado ao trabalho.

Os “queixadas” foram demitidos e processados por insubordinação e abandono de seus postos de trabalho. Ainda assim continuaram suas manifestações de rua, resistindo por anos às tentativas de despejo das vilas operárias. Finalmente, em 1969 foram reintegrados em seus postos pela Justiça do Trabalho, ganhando o direito de receber todos os salários não pagos durante a greve: sete anos e quatro meses.

Para se garantir a manutenção da greve foi organizado em 1958 um fundo de greve que deu origem a uma entidade civil denominada “Banco do Queixada”. Tratava-se de uma espécie de cooperativa em que os trabalhadores pegavam os gêneros alimentícios que precisavam para sustentar-se durante as paralisações sindicais e, conforme uma tabela, assumiam certo débito que, depois, era coberto pelo trabalhador para que o fundo pudesse subsistir.

ANJOS, Ana Cristina Chagas dos (org.). *O rio pelos trilhos: introdução à história de Perus e Cajamar*. Caieiras: IPEH, 2008.

Outro aspecto interessante desse movimento, foi a tática utilizada pelo sindicato, que foi chamada de “não-violência” ou “firmeza permanente”. Inspirados pelas idéias de alguns pacifistas, como Gandhi e Adolfo Pérez Esquivel, a direção do sindicato adotou práticas que visavam evitar o confronto direto com as forças de segurança, ao mesmo tempo em que não abriam mão de nenhuma de suas reivindicações.

“Depois de noventa dias os pelegos furaram a greve (...) as mulheres dos pelegos iam na feira e provocavam as mulheres dos queixadas, diziam assim: ‘seu marido é vagabundo, você não tem dinheiro’ (...) sofremos pra cachorro, fomos presos muitas vezes, mas ao final de sete anos, principalmente os 501 empregados estáveis, ganharam na justiça o direito de voltar para a fábrica e receber todo o tempo que tiveram parados. E eles lembraram-se dos que não eram estáveis e que haviam perdido o emprego e dividiram parte do dinheiro que receberam (...) E a gente aprendeu muito nessa luta, não era porque o Abdalla era um sem vergonha, um mau patrão, ninguém nunca desejou matar ou assassinar ele.”

Depoimento de Sebastião Silva Souza



Membros do Sindicato na sede dos Queixadas, que foi construída em mutirão pelos trabalhadores da fábrica. Com imagem de Gandhi, o líder da não-violência.

A Perus é uma fábrica de cimento, e o serviço é bruto. Por isso, o trabalhador de lá, no fundo, é um homem agressivo. Aquele grupo menor tinha consciência de que alimentar a violência era fácil, mas a gente sabia que não ia dar em nada, porque íamos encontrar uma violência mais organizada pelas forças de repressão (...) hoje (...) a turma reconhece que, embora não entendesse com profundidade a não-violência, o caminho que foram convidados a seguir foi o melhor, porque, senão, não teriam alcançado esse resultado final.

JESUS, Mário Carvalho de. *Cimento Perus: 40 anos de ação sindical transformam a velha fábrica em Centro de Cultura Municipal*. São Paulo: JMJ, 1992.



Manifestação de operários da Fábrica de Cimento

¹ SIQUEIRA, Élcio. *Cia. Brasileira de Cimento Portland Perus: Contribuição para uma história da Indústria pioneira do ramo no Brasil (1926-1987)*. Dissertação de Mestrado, Araraquara: Unesp, 2001.

MOVIMENTOS DE PRESERVAÇÃO DA HISTÓRIA

Com o fechamento da fábrica, iniciou-se em Perus um movimento pela preservação do patrimônio e resgate histórico das lutas sociais. No final da década de 1980, vários segmentos da população do bairro, incluindo-se os “queixadas”, formulam uma proposta de criação de um centro de cultura e lazer na área da antiga “Cimento Perus”. A idéia era poderem transmitir a seus filhos a história de conquistas e vitórias dos trabalhadores, junto à história do próprio bairro.

A população se organiza novamente: é formada a “Comissão Pró-Centro de Cultura do Trabalhador”, **boletins são publicados** para conquistar o apoio dos moradores do bairro, caminhadas são organizadas e até as escolas da região são mobilizadas. Durante esse processo, contando sempre com o apoio da igreja Católica, consegue-se o tombamento da Estrada de Ferro Perus-Pirapora em 1987, e de toda a área da antiga fábrica em 1991. No ano de 1992, a então prefeita de São Paulo Luiza Erundina, vem até Perus para a assinatura de um decreto que tornava a “área da fábrica de cimento um espaço de utilidade pública”.



Fica tombada, como bem cultural de interesse histórico o acervo da Estrada de Ferro Perus Pirapora, incluindo material rodante e instalações (linhas férreas, oficinas e equipamentos de apoio, bem como outras instalações), ultimo remanescente em nosso país de um conjunto completo de ferrovia em bitola estreita, testemunho dinâmico nos dias de hoje do desenvolvimento industrial e suas conseqüências em nosso Estado.

Artigo 1º, da Resolução nº5, da Secretaria Estadual de Cultura, de 19/01/1987.

“A idéia de transformar a velha fábrica num Centro de Cultura e Recreação ganhou corpo nos últimos meses sendo esperada para breve a concretização desse projeto que vocês alentam há mais de 30 (trinta) anos.”

Dom Paulo Evaristo Arns, então Arcebispo Metropolitano de São Paulo, em carta enviada aos trabalhadores da “Cimento Perus”, em 25 de Janeiro de 1992.

Cartaz de divulgação do evento para a assinatura do decreto que tornou a área da fábrica de cimento num espaço de utilidade pública.



“Locomotiva da fábrica de cimento na estrada Perus – Pirapora”

A idéia dessa comissão, que agregava diversos movimentos sociais de nosso bairro, era a criação de um pólo turístico e cultural. A partir da revitalização de todo o complexo da antiga fábrica, ela seria transformada em um “Centro Cultural ao estilo do SESC-Pompeia”. Depois de visitar esse local, as pessoas poderiam embarcar em composições puxadas por uma maria-fumaça e passearem por toda a extensão da Perus-Pirapora, indo até os municípios vizinhos, passando por dentro de uma reserva florestal.

Até hoje isso não se concretizou. Apesar de decretar o espaço da fábrica de utilidade pública, a prefeitura de São Paulo não investiu um tostão em sua recuperação. A “Cimento Perus” se encontra em um estado de total abandono, se deteriorando a cada dia. Quanto à Estrada de Ferro Perus-Pirapora, passa por um lento processo de restauração, trabalho que é feito com extrema paixão e dedicação pelos membros do IFPPC, já que os recursos são escassos.

Inaugurada em 1914, a **Estrada de Ferro Perus-Pirapora** foi inicialmente projetada para levar romeiros até essa cidade, algo nunca chegou a acontecer. Com quase 25 km de extensão, ela realmente serviu para o transporte de cal das regiões de Caieiras e Cajamar até a “Cimento Perus”. É uma das únicas ferrovias do mundo que ainda conserva a bitola estreita de 60 cm. Atualmente passa por um trabalho de restauração, coordenado pelo Instituto de Ferrovias e Preservação do Patrimônio Cultural (IFPPC), que conseguiu uma concessão da ferrovia por 50 anos, junto à família Abdalla.

A QUESTÃO AMBIENTAL

Com a fábrica, a população do nosso bairro foi obrigada a conviver com uma intensa poluição. Um pó fino, que era liberado durante a produção de cimento, se espalhava



Passeata das mulheres de Perus contra a poluição do pó de cimento - 1973

no ar, cobrindo telhados, árvores e tudo o mais. A inalação desse pó provocava inúmeras doenças.

Organizou-se então um movimento social, apoiado pela ação da igreja Católica, contra o pó de cimento. No ano de 1972 aconteceu uma das primeiras campanhas ambientais do país, que pedia a instalação de filtros nas chaminés da fábrica, através de manifestações públicas e passeatas.

Com a pressão da população e o surgimento de novas fábricas de cimento mais modernas que poluíam menos, a “Cimento Perus” foi diminuindo sua produção, até finalmente fechar as portas em 1984.

“A fábrica de cimento poluía barbaridade. Ainda tem aqui em Perus casa que você olha no telhado tem mais de 10 centímetros de pó de cimento em cima, e aquilo tudo a gente respirava. As mulheres estendiam a roupa no varal, quando era dali 10 minutos a roupa tava toda cinzenta, os olhos da gente viviam irritados por causa disso. E aí o povo começou a sentir que isso era prejudicial demais e foram para cima da CETESB, que começou a apertar o Abdalla para que colocasse filtros na fábrica, mas ele não ligou pra isso.”

Sebastião Silva Souza

Perus Hoje

Entre as décadas de 1960 e 1970, nosso bairro, assim como toda a periferia de São Paulo, passou por um processo de grande crescimento populacional. Se antes as pessoas procuravam Perus atraídas pela possibilidade de trabalho na fábrica de cimento, agora o chamariz era a oferta de terrenos e a facilidade do transporte ferroviário bairro-centro. Perdemos definitivamente aquela cara de bairro industrial. Adquirimos todas as características de um bairro suburbano, com seus inúmeros problemas sociais: crescimento desorganizado, falta de escolas, de postos de saúde, de segurança, além do processo de favelização de algumas áreas.



Estação de ferroviária atualmente



Fábrica de cimento abandonada



Antigo Lixão



Aterro sanitário e ao fundo o bairro de Perus

O criador da primeira favela de Perus foi o governo do Estado. O Jardim do Russo, que era uma fazendinha, foi loteado. E as pessoas vinham pra cá com tudo, montavam um barraco, estendiam uma lona, cercavam e moravam ali. Sem água, sem luz, porque o cidadão só vinha pra cá pra dormir, porque saía às 5 da manhã e voltava às 9 da noite (...) Quando começou a construção da Rodovia dos Bandeirantes, a DERSA desalojou o pessoal, e eles ocuparam uma área livre da prefeitura. Ali surgiu a primeira favela de Perus. (...) Tinha também um pessoal que morava numa área de risco, e a prefeitura queria tirar o pessoal de lá. (...) Na Vila Nova Perus tinha um córrego (...) a prefeitura deu o material e eles começaram a construir na beira do córrego, onde hoje é o Recanto dos Humildes. Mas aí começou uma guerra com o pessoal que já morava lá. O cidadão falava assim: 'eu gastei uma nota pra construir uma casa do meu gosto e agora vai ter uma favela na porta da minha casa?' (...) Nós ficamos lá mais de uma semana à noite com o lampião à gás na cabeça, iluminando pros homens construir os barracos, para que os inimigos não fossem lá queimar tudo.



Favela às margens do 'Rodoanel'

Sebastião Silva Souza

OS MOVIMENTOS SOCIAIS

Em entrevista à **Revista Nosso Bairro**, Mário Sérgio Bortoto, Administrador Regional de Perus entre os anos de 2001 e 2002, nos dá um depoimento sobre a história dos movimentos sociais em nossa região.

Revista Nosso Bairro: Primeiramente você poderia se apresentar, e falar um pouco sobre a sua ligação com o bairro de Perus.

Mário Sérgio Bortoto: Meu nome é Mário, nasci aqui em Perus e minha família é muito antiga aqui. Estudei até o Colegial aqui, depois tive que sair daqui para cursar a faculdade, onde estudava à noite. Durante os 7 anos da faculdade, comecei a minha militância no movimento estudantil, lutando contra a Ditadura. Na década de 80 fundamos o Diretório Acadêmico, e na mesma época fundamos o PT aqui no bairro.

RNB: E os movimentos sociais aqui em Perus?

Mário Sérgio: No governo do prefeito Jânio Quadros, fundamos aqui em Perus o Centro Cultural Ajuá, que era um centro popular, que tentava suprir a falta de lazer e cultura que existia, e ainda existe, por aqui. Daí fui me ligando a outros movimentos. O movimento de saúde, por exemplo, onde participamos da criação do Conselho de Saúde do bairro, do qual fiz parte por duas gestões.

RNB: E os movimentos mais antigos, como ficam?

Mário Sérgio: Acho que os movimentos sociais se fortaleceram através das lutas anteriores. Dos "queixadas" contra o "mau patrão", e também do movimento contra o pó de cimento, que talvez tenha sido o primeiro movimento em nível de Meio Ambiente, numa época em que nem se falava de ecologia, de Meio Ambiente, e que culminou com o fechamento da fábrica.

RNB: Quais são as outras lutas do bairro?

Mário Sérgio: Sempre têm vários movimentos no bairro. O movimento por moradia, que luta pela construção de casas populares, o movimento pela educação. Perus tinha poucas escolas. Eu mesmo, quando acabei o Primário, com 10 anos e meio, tive que estudar em Franco da Rocha. Pegava o trem todos os dias, viajava até dois municípios à frente, porque não tinha vagas aqui em Perus. E hoje ainda existe este problema, principalmente nas EMEI's e creches. Além das lutas por mais escolas, sempre lutamos também pela melhoria do ensino, incentivando a

passassem mais por aqui. O governo teve de construir uma outra estrada, para fazer a ligação com o lixão. Mas o aterro continuava poluindo o bairro. Aí fizemos uma grande mobilização, fechamos a rodovia, e conseguimos impedir a instalação de incineradores e, posteriormente, a desativação do lixão. Mas em 2001 veio a proposta de construção de mais um aterro pela prefeitura. Nos mobilizamos e conseguimos impedir novamente. Em 2002 teve uma nova tentativa, dessa vez a prefeitura queria construir um lixão no Distrito da Anhanguera, que pertence ao bairro. Mais uma vez a população se organizou e, junto com o MST, ocupamos a área e conseguimos

impedir novamente. Mas a licitação e o contrato da prefeitura com uma empresa continuam abertos, ainda para essa ameaça de se instalar um novo lixão aqui no bairro.

RNB: E hoje em dia, como estão os movimentos sociais por aqui?

Mário Sérgio: A partir da luta contra o lixão, nasceu a idéia de formarmos 3 comissões que lutassem por melhorias para o bairro. A primeira comissão cuida da proposta de criação de um

Centro Cultural do Trabalhador na área da antiga fábrica, para resgatar toda a história de lutas dos trabalhadores, junto com um museu da ferrovia. A segunda, luta por melhorias no Parque Ecológico Anhanguera, para que sua área possa ser melhor aproveitada pela população. E a terceira está ligada ao Instituto de Ferrovias, que trabalha para recuperar a Estrada de Ferro (Perus-Pirapora) para utilizá-la para o eco-turismo. Dessas comissões, criamos o Fórum de Desenvolvimento Perus-Anhanguera, que reúne diversas entidades e movimentos, que discutem formas de trazer melhorias para o bairro.

RNB: E o problema do lixão?

Mário Sérgio: Esse foi um outro movimento importante aqui. Foi instalado na área do bairro um aterro sanitário durante a Ditadura, e os caminhões de lixo passavam dia e noite nas ruas, por dentro do bairro. A população começou a perceber que isso era ruim, se organizou, lutou e conseguiu que os caminhões não



Mário no Café Perus

DICAS CULTURAIS

Eles precisavam achar um local bem afastado para que pudessem jogar os corpos das pessoas que o esquadrão da morte matava por aí (...) Ali era um lugar de difícil acesso, estrada de terra (...) Começou a juntar muita ossada e eles não sabiam onde colocar mais. Ai tiveram a “feliz” idéia de abrir uma vala comum (...) E ali jogaram todas as ossadas (...) É isso que você falou, parece que tudo que é ruim acontece aqui em Perus.

Depoimento de Sebastião Silva Souza, 77 anos., morador de Perus, nascido aqui e participante da greve de 1962.

Com essas palavras, Tião nos conta um pouco de um capítulo muito triste na história de Perus, a vala comum aberta no Cemitério Dom Bosco, pela Ditadura Militar. Para saber mais sobre isso, indicamos o filme “Vala Comum”.

FICHA TÉCNICA

Direção: João Godoy

Formato: 16mm

Ano: 1994

Duração: 30 min.

Prêmios

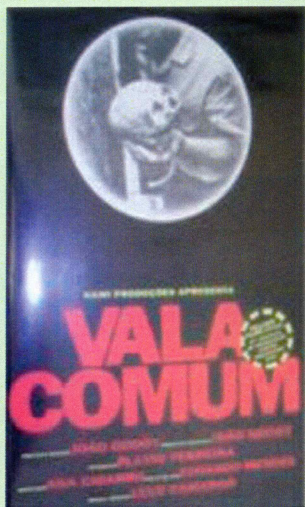
Prêmio Estímulo - Secretaria do Estado da Cultura de São Paulo

Melhor Filme 16mm - Festival de Brasília 1994

Melhor Documentário - Festival de Bilbao (Espanha) 1995



Muro construído no local da vala em memória das vítimas



Capa do Filme

O documentário *Vala Comum*, produzido no ano de 1994 por João Godoy, resgata parte da história recente do nosso país, marcada pela intolerância, prisões arbitrária, torturas e o desaparecimento de centenas de homens e mulheres durante o Regime Militar iniciado em 1964.

Tendo como tema principal o fato ocorrido no ano de 1990, em que foi descoberto no cemitério Dom Bosco, localizado no bairro de Perus, uma vala clandestina com aproximadamente trinta e dois metros que continha mais de 1000 ossadas de “desaparecidos políticos”, Godoy se utiliza de canções, imagens, fotos e depoimentos dos familiares de cinco “desaparecidos” para recuperar os momentos e as consequências mais cruéis da ditadura militar, além de evidenciar as contradições do regime que vigorou no Brasil de 1964 a 1985.

Por meio dos depoimentos conseguimos nos aproximar dos terrores por quais

passaram não só homens e mulheres torturados e mortos, mas também da angústia que fez parte da vida de seus familiares, que não tiveram ao menos a possibilidade de enterrar seus filhos, irmãos e pais.

Ganhador de vários prêmios, o documentário *Vala Comum*, é indispensável para aqueles que, assim como os familiares dos “desaparecidos políticos”, buscam um país mais justo e democrático, e que sabe que isso só acontecerá com a averiguação e a busca da verdade no que diz respeito aos crimes políticos.



Cena real da exumação dos restos mortais exibida no filme

O Bar Café Perus

Quem passa apressado pela avenida Dr. Silvio de Campos, uma das principais vias de Perus, talvez nem tome conta. Mas ali, em meio aos diversos pontos comerciais, existe um bar, um café, onde você pode se deliciar, não só satisfazendo ao paladar, mas também contemplando toda a decoração, que nos revela muitas imagens e documentos da história de Perus.

Trata-se do **Café Perus**, um barzinho aconchegante, onde toda a temática é voltada para a história do nosso bairro. Dos quadros da parede aos porta-pratos, tudo remete aos acontecimentos que marcaram o passado de Perus.

Acompanhe a entrevista feita com os proprietários do café, o casal Vera Valgas e Henrique Pacheco.



Os proprietários do Café Perus, Vera e Henrique

Revista Nosso Bairro: Você poderia começar se apresentando e contando um pouco sobre sua ligação com a história de Perus.

Vera Valgas: Eu vim pra Perus bem pequena, aos 4 anos. Cresci aqui e comecei a dar aulas aqui. Então comecei a me dar conta da importância da história de Perus para o Brasil, com a Fábrica de Cimento e a luta dos "queixadas". E dando aula, percebi que as crianças, as famílias, não tinham envolvimento com isso. O que eu nunca aprendi na escola, eles também não tinham aprendido, que era valorizar, conhecer a história do seu bairro. E aí sempre procurei fazer um trabalho pedagógico voltado a isso. E, pra frente, quando resolvemos montar o bar foi pensando nisso, trazer a história de Perus, deixar viva a história. Por isso nós montamos esse bar.

RNB: E você?

Henrique Pacheco: A minha ligação com Perus é muito antiga, comecei a vir pra cá na década de 1970. Eu era advogado e trabalhava pra uma entidade, e nós desenvolvíamos um trabalho voluntário aqui em Perus. Foi quando fundamos uma ONG para acompanhar os conflitos por moradia e terra aqui em Perus. A partir daí, comecei a acompanhar todas as lutas sociais aqui de Perus. Quando a Luiza Erundina foi eleita prefeita, eu fui eleito vereador, então eu pude fazer algumas coisas. A nossa frente de trabalho sempre foi ao lado das famílias mais pobres. Acompanhá-vamos de perto as áreas mais pobres de Perus: Parque Anhanguera, Morro Doce, Recanto dos Humildes.

RNB: E o bar, quando surgiu a idéia?

Henrique: A primeira idéia era montarmos um Café literário, um Café que pudesse ter uma livraria. Porque aqui em Perus não tem livraria, vamos colocar assim, uma "cidade", de porte médio, com 180 mil habitantes e não tem nenhuma livraria. Nosso sonho era esse. Aí fomos desenvolvendo a idéia de montar um bar temático. O Café era para se chamar "Café da Prof.". Aí veio a idéia de fazer um bar que contasse a história de Perus, que fosse um pólo cultural, que fosse aberto a reuniões dos moradores do bairro, enfim, que fosse aberto a toda comunidade.

RNB: E como foi para montar o bar?

Henrique: Então fomos atrás de material de registro, por isso temos registro fotográfico, depoimentos de pessoas que vem aqui e se sensibilizam, lembram da história da sua família com Perus. O bar tem essa vocação, de ser um bar cultural. Por isso ele é um pouco diferente do conjunto de bares que temos nessa região. Existem bares melhores, muito maiores, mas a nossa cara não é essa, entendeu, é ser um bar onde toca música de qualidade. Se quiséssemos fazer um bar aqui com outro estilo de música, ia encher de gente, mas não é essa nossa proposta. Aqui é um bar onde as pessoas podem conversar, ouvir música boa e encontrar comida de qualidade. Um padrão semelhante ao que encontram na Vila Madalena, só que aqui em Perus. É esse o propósito do bar. Por exemplo, na 5ª feira, tinha aqui um grupo de professores discutindo problemas de aposentadoria, na semana passada, era uma reunião do pessoal do pedágio, outro dia, uma reunião do movimento de moradia. É pra isso que o bar está aberto.

RNB: E você, quer acrescentar alguma coisa?

Vera: Acho muito interessante as pessoas virem aqui e voltar no tempo, resgatar a história perdida na memória. São muitos depoimentos, e isso é muito gratificante. Outra coisa importante, é que quando as pessoas recebem alguma visita, algum parente distante, trazem pra cá, é um cartão de visitas do bairro. Pra finalizar, o bar também já foi tema de vários trabalhos escolares. Os alunos vêm aqui, tiram fotos, levam nossos porta-pratos, e isso é muito legal.



Interior do Café Expresso Perus

* Ao fundo o detalhe do porta-pratos, com fotos de Perus e o texto da professora Maria Helena Bertolini Bezerra (contra-capas).

Perus: história e memória

A instalação da estação ferroviária em frente a um antigo ponto de parada e repouso de condutores de tropas de burros de carga no trecho São Paulo-Jundiá da antiga "São Paulo Railway Co." em 1867, foi responsável pela formação de um pequeno aglomerado urbano onde hoje se localiza a região central de Perus. A partir de uma pequena atividade comercial, da chegada de novos investidores e moradores, entre eles o Dr. Silvio de Campos, que idealizou a exploração dos solos ricos em xisto, caulim e calcário, iniciou-se o processo de povoamento da região.

A Estrada de Ferro Perus-Pirapora, construída em 1914, transportava calcário em seus trilhos, nos vagões puxados por locomotivas movidas a vapor, que depois era vendido para outras regiões da cidade.

Tendo em vista a necessidade de cimento para edificar a cidade que então se projetava com o desenvolvimento urbano, a instalação de uma fábrica de cimento do tipo portland atenderia a essa necessidade, sem precisar que se recorresse ao mercado internacional.

A Fábrica de Cimento Portland Perus, instalada no bairro em 1926, foi resultado de um empreendimento da Brazilian Portland Cement Company S/A ou Companhia Brasileira de Cimento Portland, de um consórcio de brasileiros, que possuía ligações com a Estrada de Ferro Perus-Pirapora, e comerciantes canadenses, representados pela Drysdale y Pease, com sede em Montreal no Canadá.

Aos poucos o bairro foi se constituindo, mesclando um ambiente com muitas características rurais, o que incluía o cultivo familiar de subsistência em pequenas chácaras, moradias operárias nos arredores da fábrica e o surgimento das vilas, inicialmente próximas à estação de trem. Assim, a primeira escola, as igrejas, a chegada de mais pessoas e tudo mais, foram fatores determinantes na constituição do bairro que conhecemos hoje.

Bairro de gente trabalhadora, de gente que luta para melhorar a qualidade de vida... A luta dos trabalhadores da Fábrica, a luta contra o pó de cimento, a resistência à construção de mais Aterros Sanitários, são apenas alguns exemplos da garra do povo desse lugar.

A memória das lutas dos moradores produz uma identidade própria, confere pertencimento a quem vive em Perus. Todo o meio utilizado para reavivar essa memória, seja nos trabalhos escolares sobre o bairro, nas reportagens dos jornais locais, na produção de filmes, nas antigas fotografias que muitos moradores guardam com carinho, as pesquisas acadêmicas, enfim, tudo isso faz com que o passado não seja esquecido, de modo que as experiências vividas anteriormente possam gerar condições mais dignas de vida no presente.

Maria Helena Bertolini Bezerra.

Texto retirado do porta-pratos do Café Perus.